

**TÍTULO DA SEÇÃO:  
LÍNGUA ESTRANGEIRA**

## A TRADIÇÃO DICIONARÍSTICA NA ITÁLIA E O TRATAMENTO DADO AOS EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS<sup>1</sup>

Benilde Socreppa SCHULTZ<sup>2</sup>

(Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

**RESUMO:** A tradição Dicionarística na Itália e o Tratamento Dado aos Empréstimos do Português, de Benilde Socreppa Schultz (UNIOESTE), mostra que a tradição dicionarística italiana iniciou-se com a publicação do primeiro dicionário monolíngue, editado pela Accademia della Crusca, em 1612, cujos autores defendiam a pureza da língua florentina. A seleção dos vocábulos desse primeiro dicionário refletia o pensamento da elite intelectual. De fato, nessa primeira edição, não consta sequer uma palavra vinda do português, apesar do frequente contato comercial e cultural existente entre os portugueses e as diversas repúblicas e estados italianos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradição Dicionarística; Língua Florentina; Empréstimos do Português

### THE DICTIONARISTIC TRADITION IN ITALY AND THE TREATMENT OF LOANS FROM THE PORTUGUESE

**ABSTRACT:** The present essays shows that the Italian dictionaristic tradition started with the publishing of the first monolingual dictionary, edited by the Accademia della Crusca, in 1612, whose participants used to defend the purity of the Florentine language. The selection of vocabulary for this first dictionary has reflected the thought of an intellectual elite. In fact, this first edition does not display a single word from Portuguese, despite the frequent commercial and cultural contact that existed between the Portuguese people and several Italian states and republics.

**KEYWORDS:** Translation Dictionary; Florentine Language; Loans from the Portuguese.

A tradição dicionarística italiana iniciou-se com a publicação do primeiro dicionário monolíngue, editado pela *Accademia della Crusca*, em 1612, cujos autores defendiam a pureza da língua florentina. A seleção dos vocábulos desse primeiro dicionário refletia o pensamento da elite intelectual.

De fato, nessa primeira edição, não consta sequer uma palavra vinda do português, apesar do frequente contato comercial e cultural existente entre os portugueses e as diversas

---

<sup>1</sup> Este texto é parte de um capítulo da nossa dissertação de Mestrado, cuja referência completa é: SOCREPPA SCHULTZ, Benilde. *Brasileirismos e portuguesismos incorporados ao léxico da língua italiana: análise de campos léxico-conceptuais*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Línguas Modernas, Mestrado em língua italiana. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Doutorado na Universidade de São Paulo. Docente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Cascavel/PR. E-mail: perbeni@gmail.com.

repúblicas e estados italianos. Palavras já frequentes na época, tais como *caravella* (1336), *banana* (1591), *betel* (1508), *marmellata* (1579) etc., além de muitas outras correntes entre os séculos XVI e XVII, foram introduzidas na Língua Italiana (LI) por meio da extensa literatura de viagem, produzida pelos viajantes italianos que tiveram contato com a Língua Portuguesa (LP). Os autores do *Vocabolario della Crusca*, na introdução dessa obra, confirmam que “dos escritores estrangeiros, somente usamos aquelas palavras que nos parecem belas”<sup>3</sup>. Esse primeiro vocabulário da Língua Italiana, apesar de representar uma etapa fundamental na construção do pensar lexicográfico humanístico, teve a sua seleção baseada quase que exclusivamente na língua da literatura, dando pouca importância à língua falada. Leopardi (1926, p. 187), no *Zibaldone*, faz a seguinte observação:

Il Vocabolario della Crusca non ha interi due terzi delle voci o significati e vari usi loro, e né pure un decimo dei modi di quegli stessi autori e libri che registra nell'indici [...] si può far ragioni che questo non contenga più d'una quaresima parte della lingua in genere.<sup>4</sup>

Apesar dessa e de outras críticas ao *Vocabolario* no *Zibaldone*, não se pode desconsiderar a relevância dessa obra para a humanidade. Para De Mauro (1963, p. 451), representa uma inovação na construção de dicionários, seja pela quantidade de vocábulos, seja pela riqueza do paradigma informacional, especialmente pelas modificações ocorridas no paradigma definicional, não mais apresentando somente sinônimos, mas procurando dar uma definição do vocábulo da entrada. Muitos outros críticos surgiram, mas a *Accademia della Crusca* conseguiu um vigor extraordinário que durou por mais dois séculos. Importante lembrar que a academia era uma entidade particular, portanto, sem apoio do governo florentino ou de outras entidades, contando apenas com a boa vontade de seus membros.

Novas edições surgiram nesse mesmo século: a segunda, em 1623, também em um único volume e impressa em Veneza, como a primeira. Nela não houve modificações relevantes, nem no léxico nem na estrutura geral do dicionário. A terceira edição data de 1691, sendo publicada pela primeira vez em Florença. Apresentou alterações importantes seja quanto ao formato (três volumes mantendo o formato *in folio*) seja quanto à estrutura interna. Aumentou substancialmente o número de entradas, aumentou o número de exemplos e houve

<sup>3</sup> Considerando-se a época em questão, pode-se entender como estrangeiro todas as palavras que não pertenciam à língua florentina, até mesmo as palavras de dialetos italianos.

<sup>4</sup> “O *Vocabolario della Crusca* não possui dois terços das entradas ou significados e seus vários usos, não possui nem mesmo um décimo das locuções desses mesmos autores e dos livros que registra no índice [...] pode-se acreditar que não contenha mais do que a quadragésima parte da língua em geral”.

uma melhoria nas definições. Nessa edição, o dicionário da Crusca (1691) teve um salto quantitativo e qualitativo notável, consolidando o primado da academia de Florença no campo da lexicografia (MARAZZINI, 2002, p. 313).

No século seguinte, surgiram duas outras edições, as quais tivemos a oportunidade de verificar *de visu* e folhear detalhadamente a edição publicada em Nápoles no ano de 1746. Pudemos sentir sob as nossas mãos a textura do papel, a beleza da capa, o acabamento primoroso dado à primeira página com o frontispício da academia e, acima de tudo, colher elementos para a nossa pesquisa. Sentimo-nos realmente emocionadas ao tocá-la e pensar nos homens que a elaboraram. Dessa edição, fizemos a filmagem da introdução. Quanto à edição de 1612, somente vimos a cópia anastática.

No decorrer do século XVIII, surgiram diversas edições: a primeira, em 1729, e outras reedições, em 1741/1763 (Veneza) e em 1747 (Nápoles). Nessa quarta edição, foi modificado o modo de colher as atestações, extraindo o que não era considerado de fonte segura (principalmente textos manuscritos) e introduzindo alguns estrangeirismos, inclusive advindos da LP. A edição de 1747 é constituída de seis volumes, sendo o último volume publicado somente nessa edição. Esse volume adicional é um apêndice, no qual constam os autores citados nas atestações do corpo do vocabulário, as abreviações e o acréscimo de novas entradas, porém, não consta a etimologia. Da nossa língua entraram cinco unidades lexicais: *caravella*, *cocco*, *imbarazzare*, *imbarazzo*, *imbarazzato*. Como se trata de poucas unidades, transcrevemos os verbetes dessa edição:

- 1) **CARAVELLA** vasselletto molto grande che cammina velocemente. Serd.stor. 2.272 una caravella portoghese (quella è una sorta di nave rotonda, utile sì a portar carichi sì ancora a combattere) ec. diede nelle medesime galee.
- 2) **COCCO** specie di albero indiano che più comunemente dicesi **COCCO DELLE MALDIVE** Red. Esp. nat. 22 Avea portato nella corte di Toscana ec. alcuni pezzi di tavarcarè, che da noi è chiamato cocco delle Maldive.
- 3) **IMBARAZZARE** intrigare, imbrogliare . Lat. implicare, intricare. Tac. Dav. 13.175. Intrigare, imbrogliare. Era a Tiridate vergogna non la soccorrere; e pericolo in quei luoghi aspri imbarazzare cavalleria.
- 4) **IMBARAZZO** impedimento, intrigo. Lat. Impedimentum Dav. Pofst. 1.13.427. Perchè quella lingua sebben nata della latina è oggi allevata e si regge e va senza il carruccio o appoggio di quelle lettere che non si pronunciando più sono imbarazzo da levar via come le centine e l'armadura, quando la volta ha fatto presa.

5) **IMBARAZZATO** add. Da imbarazzare.

Os lexicógrafos da Academia não apresentam essas entradas como empréstimos; contudo, apresentaram *imbarazzare* e *imbarazzo* como palavras originárias do latim. Os dicionários etimológicos e todos os dicionários do *corpus* dão como empréstimo do português:

**imbarazzare** rendere difficile impacciando (imbarazzare avv. Nel 1600, B. Davanzati, imbarazzare, 1640, Oudin)● prestito dal port. embarçar ‘allacciare, impedire col laccio’.

No ano de 1783, tomou-se a decisão de incorporar em uma só as três academias existentes em Florença e criou-se a *Accademia Fiorentina*. Essa nova academia permaneceu inoperante e, assim, em 1811, os acadêmicos se reuniram e resolveram reinstaurar a *Accademia della Crusca* como academia autônoma.

No terceiro século de atividades da lexicografia italiana, a nova academia decidiu fazer um novo vocabulário, revisando o antigo *Vocabolario* e dando prioridade à pureza da língua. Durante os anos de compilação, surgiram críticas e os trabalhos se estenderam até 1843, quando foi decidido publicar o dicionário em fascículos. Todavia, o primeiro volume foi editado somente em 1863. Houve outras edições, entretanto, o trabalho nunca foi completado, sendo o último verbete apresentado a palavra “ozônio”<sup>5</sup>.

A edição que pesquisamos foi a de 1866. Nela encontramos 22 palavras da LP, um aumento relevante em relação ao século anterior. São elas: *acagiù, albino, ananás, areca, baia, baleniére, bambù, banano, betel, buchero, caravella, casta, cocco, feticcio, imbarazzamento, imbarazzante, imbarazzare, imbarazzante, imbarazzato, imbarazzo, maccaco, marmellata*.

Apresentamos a entrada *caravella*, a mesma da quarta edição, porém, com pequenas modificações:

**Caravella sost. femm.** Nome di un vascelletto **non** molto grande, **snello e veloce, adoperato così in guerra come pel commercio.** Spagn. carbela, franc, caravelle; voci tutte derivato dal **basso greco**, xarabos, **basso latino** carabus. Specie di schifo o palischermo. **Giambull.B. Ciriff. Calv.3,345:** Nave grosse e sottile e balonieri caracche e barche, **caravelle** e fuste, brignatini, galeazze ecc. Libro intitolato Ciriffo Calvaneo e il Povero

<sup>5</sup> Disponível em: <[www.academiadellacrusca.it](http://www.academiadellacrusca.it)>. Acesso em: 23 maio 2007.

avveduto, ecc. Composto er Luca Pulci e il resto per Bernardo Giambullari, fiornetini. Venezia, Nicolini da Sabbio, 1535, in 4 (grifos nossos).

Notam-se, em negrito, as inovações introduzidas, como: o gênero; a definição, que foi melhor elaborada; a etimologia, que explicita a origem espanhola e francesa, através do grego e do latim, e não do português.

Na microestrutura da unidade lexical *cocco*, transcrita abaixo, nota-se a perda do topônimo. Anteriormente, por duas vezes, foi enfatizado o uso comum de *cocco delle Maldive*.

**Cocco** sost. masc. Sorta di palma di altissimo fusto, che cresce in Asia, in Affrica ed in America, e produce un frutto , il quale racchiude una grossa mandorla vuota in mezzo contenente un liquore bianco e dolciño; ed è la coccos nucifera dei botanici.

§ E per il frutto o Noce di essa pianta. Sassetti. Lett. 249 Portavanoci ... cocchi o noci dell'India...son prima umore aquoso, poi coagulato.

O *Vocabolario della Crusca*, durante esses três séculos, teve muita repercussão, mas teve também muitos opositores. Marazzini (2002, p. 310) afirma que, desde a primeira edição, as críticas ao *Vocabolario* foram ferrenhas. Na crítica da edição de 1612, Paolo Beni pressupõe que a língua é patrimônio do povo e, como tal, deveria fazer parte do léxico do dicionário. Outro crítico feroz foi Alessandro Tassoni, que lutou contra o que ele considerava a “ditadura florentina sobre a língua”. Censurava também o uso e o abuso de latinismos nos escritos técnicos e médicos. O crítico sentia horror por tudo o que era passadismo, arcaico, refletia culto à tradição, o que, segundo ele, servia de empecilho à modernidade.

Como a edição de 1866 não foi completada, procuramos outro dicionário que pudesse nos dar uma ideia de todas as unidades lexicais que entraram para o italiano no século XIX. Encontramos três dicionários de porte: o *Vocabolario universale della lingua italiana* (Mortara), editado em 1845, o *Dizionario della lingua italiana* (Tommaseo), de 1865, e o *Nòvo dizionario universale della lingua italiana* (Petrocchi), de 1887.

O *Tommaseo* é considerado o melhor dicionário de autor do século XIX. Foi produzido longe dos santuários editoriais da lexicografia italiana de então (Firenze, Napoli, Veneza), em um lugar até então considerado à margem das manifestações literárias e linguísticas da Itália, em Torino<sup>6</sup>. O autor se preocupou em transmitir as ideias morais, civis e

<sup>6</sup> No Piemonte. A língua italiana nessa região era considerada estrangeira, pois falava-se um dialeto condicionado pela forte influência do francês.

literárias da época, acrescentando muitos termos políticos e civis, que são registrados pela primeira vez em um dicionário de língua italiana. Torino, nesse período, era a o centro de grandes mudanças políticas na Itália, e foi da família dos Savóia, governantes do Reino do Piemonte, que surgiu o primeiro rei italiano pós-unificação. É do *Tommaseo* a incorporação no dicionário de palavras como *comunismo*, *socialismo*, *positivismo* etc. (MARAZZINI, 2002, p. 387-388). Encontramos nele quarenta e seis unidades lexicais da LP registradas no nosso *corpus*.

O dicionário *Petrochi* registra cinquenta e três entradas da nossa língua. A macroestrutura é organizada por uso e dispõe em separado, em uma espécie de tabela de rodapé, as unidades lexicais consideradas arcaicas pelo autor.

Utilizaremos, para exemplificar, o *Mortara*, pois apresenta maior quantidade de entradas relativas à LP. Dos empréstimos que hoje estão incorporados à LI, encontramos sessenta e duas unidades, sem contar os acidentes geográficos e topônimos brasileiros. O *Mortara* foi editado em Mantova, em 1845, em oito volumes, portanto, no período da pré-unificação da LI. Apresenta, em confronto com o vocabulário da Crusca, uma diversidade de entradas, muitas curiosidades, nomes geográficos de diversas partes do mundo, inclusive do Brasil. Nestes, a microestrutura apresenta, apenas como informação, a área semântica a que pertence a entrada, o acidente geográfico e o país:

ARARUAMA (geog.) lago del Brasile.  
BARRRIGA (geog.) monte del Brasile.  
CABRALIA (geog.) porto del Brasile.  
GUARATUBA (geog.) Gua-ra-tù-ba. Fiume del Brasile nella provincia di Mato Grosso.  
MARASDI (geog.) antica città dell' Arabia Felice.  
MANAOSI (geog.) Ma-na-ò-si. Tribù d'Indiane del Brasile, nella Provincia del Parà (G).  
PARANÁ (geog) Pa-ra-ná. Riviera del Brasile.  
PALANDA (geog.) Pa-làn-da. Antico fiume dell' Indie (Mit.).  
TAPAXANI (geog.) Ta-pa-xà-ni. Selvaggi del Brasile.

Observe-se que o lexicógrafo inseriu no corpo do seu dicionário um total de 69 palavras da LP, que constam do nosso *corpus*, na sua maioria elementos da fauna e da flora, devido certamente ao forte interesse que as ciências naturais despertaram naquele século. Além destas, encontramos entradas que hoje não estão mais dicionarizadas. Palavras que se referem à etnologia: *cafusi* (popolo del Brasile), *cararueni*, *botucudi* (indigeni del Brasile); à culinária: *menagio* (dal portoghese mermelade, de simil senso); à flora: *arapabaca* (sinonimo

brasileiro della *spigelia anthelmintica* di Linneo), *araticu* (frutto di un albero), *bananiano* (genere di pianta); à fauna: *canade* (specie di mammifero brasileiro) etc.

No *Mortara*, o tratamento lexicográfico dado ao verbete é mais conciso se comparado com o dicionário da Crusca. Contém um paradigma informacional amplo, onde consta a área semântica, o gênero, a separação silábica, a etimologia da palavra e a sua definição. Nas entradas referentes à fauna e à flora, inclui-se o nome científico. Diferentemente da Crusca, não apresenta atestações. Em algumas entradas, o paradigma definicional inclui informações enciclopédicas. Sempre com o mesmo exemplo, vejamos como apresenta o seu verbete:

CARAVELLA (marin) ca-ra-vel-la[sf] Lat. Carabus.Vascelletto molto grande che cammina velocemente [ed è utile sia a portar carichi come a combattere] Usasi specialmente da'Portoghesi.

O século XX, mormente a partir da segunda metade, vê aportar notáveis modificações nos dicionários, à luz de linguistas de renome, que, com base em novas teorias linguísticas, impõem à lexicografia o *status* de ciência. Elaborar um dicionário requer conhecimentos lexicológicos, lexicográficos e terminológicos, e a lexicografia italiana acompanhou essa evolução, não deixando de aplicar as modernas teorias nos seus dicionários.

Dos vários dicionários editados entre 1900 e 2005, utilizaremos apenas os que serviram para o recolhimento do nosso *corpus*. Optamos por escolher três dicionários que representam a lexicografia italiana de hoje.

O primeiro deles é o *Grande Dicionário Dell' Uso* (Gradit), de Tullio de Mauro, edição de 2000. Compõe-se de seis volumes, mais um apêndice. Nele estão inseridos os principais neologismos que passaram a fazer parte da LI após a primeira edição de 1999. O seu *corpus* é um dos mais completos e foi baseado sobre o léxico presente no *Grande dicionário della lingua italiana*, de Salvatore Battaglia (21 volumes). O *Gradit* é composto de 250 mil entradas e 130 mil locuções e expressões idiomáticas que se encontram no interior dos verbetes. O dicionário faz uso da macroestrutura ordenada alfabeticamente. A microestrutura apresenta como novidade, apoiada em bases estatísticas, o léxico fundamental do falante da língua (FO), num total de 2.000 palavras que representam 90% do vocabulário do usuário; outras 2.500 entradas recebem a marca AU – de alto uso, que são palavras pouco frequentes, mas conhecidas por todos e compõem 6% do léxico. Outros 4% são divididos nas seguintes categorias: AD – de uso elevado, palavras usadas somente por pessoas com nível de instrução superior. TS – linguagem de especialidade; nessa categoria está inserida a grande

maioria das unidades lexicais da LP, são os termos utilizados por profissionais de áreas específicas; LE – uso literário; RE – uso regional; ES – estrangeirismos; BU – baixo uso; OB – arcaico (obsoleto); CO – uso comum, que faz parte do vocabulário ativo de todo o falante italiano. Nesse dicionário, o verbete *caravella* vem assim definido:

**caravella** s.f. CO [av.1336; dal portoghese caravela, dal lat. tardo carabus “carabo”] **1.** veliero portoghese e spagnolo, veloce e leggero, dei secoli XV e XVI. **2.** BU colla da falegname usata per gli assiti di tale

Vemos a entrada, um portuguesismo adaptado; a definição de gênero, a categoria de uso, a datação e a etimologia. A definição é curta e explicativa. Apresenta também uma segunda acepção, de baixo uso (BU). Em outros verbetes, apresenta todas as especificidades que são enunciadas pelos lexicógrafos: entrada seguida do paradigma informacional (incluindo transcrição fonética), definicional e pragmático, isto é, ENTRADA = PI+PD+PP (BARBOSA, 1989, p. 575).

O segundo é o *Nuovissimo Vocabolario Illustrato della lingua italiana* (D/Oli), de Giacomo Devoto e Gian Carlo Oli, edição de 1997, em dois volumes, e consta de 100 mil entradas. O que difere do anterior é que apresenta ilustrações, especialmente de animais e plantas exóticas, tendo assim o consultor a possibilidade de visualizar o que ele talvez não conheça. Nos anos subsequentes, o dicionário foi reduzido a um volume, com vistas a atingir um público maior. A unidade lexical *caravella* no *D/Oli* é apresentada da seguinte maneira:

**caravella**<sup>1</sup> s.f. **1.** Piccola nave a un solo ponte, con castelli a poppa e a prua, e di solito con due alberi a vele quadre e uno, a poppa, con vele latine, e bompresso con vela di civada, usata spec. dagli Spagnoli e dai Portoghesi fra i secc. XIII e XVII. **2.** Nome comune del celenterato degli Idrozoi *Physalia physalis* (v. FISALIA). [ dal portoghese caravela e questo dal lat. tardo carÀbus ‘barca di vimini foderata di pelle’].

O *D/Oli* também segue as especificações lexicográficas modernas, apesar de sua definição conter muitos semas descritivos do referente, se comparada ao *Gradit* e ao *LZ*. Não apresenta a datação.

O dicionário *Lo Zingarelli: Vocabolario della Lingua Italiana* (Zingarelli), de Nicola Zingarelli, em um volume, edição 2005, é popularmente conhecido como *Lo Zingarelli*. É o dicionário de maior circulação na Itália, em razão de seu formato compacto e da considerável quantidade de entradas. Registra 134 mil entradas e 40 mil locuções e frases idiomáticas,

imagens coloridas e em preto e branco. É editado também em forma reduzida, *Lo Zingarelli Minore*, que atende aos interesses dos estudantes, pois é de fácil manuseio. O *Zingarelli*, desde 1994, está sendo reeditado anualmente, acompanhando passo a passo a evolução da língua, incluindo neologismos referentes ao mundo da tecnologia, da informação e principalmente do linguajar cotidiano<sup>7</sup>. No nosso *corpus*, utilizamos a versão do *Zingarelli* em CD.

A unidade lexical *caravella* é assim apresentada:

**caravella (1)** [port. caravela, da caravo ‘nave asiatica a vele latine’, dal lat. tardo carabu(m) ‘granchio’, poi ‘piccolo battello’, dal gr. kárabos ‘granchio marino’, poi ‘battello’; av. 1336] **s. F.** •Nave a vela veloce e leggera a un solo ponte con tre o quattro alberi usata spec. da Portoghesi e Spagnoli nel XV-XVI sec.

Como vemos no exemplo, o *Zingarelli* segue as mesmas proposições lexicográficas dos outros dicionários, apenas com diferenças mínimas, que não alteram o seu valor como obra.

Atualmente, a lexicologia e a lexicografia italianas vêm sendo palco de estudos de extrema consistência, notadamente quanto ao recolhimento do léxico em bancos de dados *on-line*, para serem usados posteriormente na elaboração de dicionários ou para consultas independentes. Entre eles, podemos destacar *Tesoro della lingua italiana delle origine* (TLIO)<sup>8</sup>, com a supervisão da Accademia della Crusca, que recolhe um número aproximado de 21.458.040 palavras-ocorrências.

Outro banco de dados de extensa repercussão surgiu sob a orientação de Giovanni Adamo, presidente da “Associação Italiana para a Terminologia” (Ass.I.Term), e Valeria della Valle. Tem por finalidade recolher os neologismos em um banco de dados aberto, dinâmico e acessível para publicação periódica, após análise sistemática do material recolhido. Os dois linguistas já publicaram, em conjunto, um primeiro volume intitulado *Neologismi quotidiani: un dizionario a cavallo del millennio* (OLSKY, 2003). Nele são relacionados cerca de cinco mil neologismos correntes. Nesse volume, constam apenas dois neologismos que remetem ao PB: *footvolley* e *Barrichello day*. O primeiro é apresentado como empréstimo semântico do PB, mas remete o leitor para uma palavra inglesa, apesar de constar a grafia portuguesa entre

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.panorama.it/italia/cronaca/articolo/ix1-A020001037946>>. Acesso em: 25 maio 2007.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.oivi.cnr.it/>>. Acesso em: 25 maio 2007.

aspas (futevolei), e o segundo (apenas a personagem é brasileira) refere-se ao dia em que Rubens Barrichello venceu a corrida de Fórmula Um em Monza. Ambos possuem forte conotação inglesa. Os autores, no prefácio (2003, p. XII-XII), justificam a utilização de neologismos midiáticos, como *Barrichello day*, como uma forma de ficarem registrados na memória, apesar de saberem que sua trajetória neológica será meteórica.

O percurso da lexicografia portuguesa tem como primeira publicação de porte o *Vocabulário Portuguez e Latino* (1712), de Raphael Bluteau. À semelhança do *Vocabulário della Crusca*, recolhe um abundante acervo lexical da LP, acompanhado de uma definição muitas vezes mais descritiva que definitória, pois, segundo o Bluteau, é difícil entender a definição sem uma boa descrição (Prólogo, p. 26). O rico *corpus* lexical é explicado pelo próprio Bluteau, quando considera que “todos os vocábulos são igualmente bons. As palavras são o espelho do pensamento e imagens do conceito” (Prólogo, p. 24); como tal, as palavras representam o que a pessoa quer dizer. O Bluteau entende como vocabulário universal o recolhimento de todas as unidades lexicais em uso. Nessa obra, o verbete *caravela* é constituído da definição e da atestação. Também possui uma contestação de cunho marcadamente pessoal:

CARAVELA caravela Embarcação redonda que anda com velas Latinas, & e que de ordinario leva duzentas toneladas. Auriti velis vembus. i. MaSc. Na Hydrografia do Padre Fournier, acho que os Portuguezes foraõ os inventores desse genero de Embarcação. Naõ sei com que razaõ alguns lhe chamaõ de Carabus, porque no livro 19, cap. I. S.Isidoro diz **Carabus parva scapha ex vimini facta quae contacta crudo corio, genius navigij praebet.**

No Brasil, o contato com as línguas indígenas e a necessidade de comunicação, com vistas à evangelização, propicia o surgimento de vocabulários bilíngues português-tupi (séculos XVI-XVII). Para Nunes (2002, p. 106), os dicionários bilíngues tupi-português dão início à lexicografia brasileira, em uma relação paralela a Portugal, e produzem a primeira alfabetação do português em dicionário brasileiro. Enquanto em terras lusitanas Cardoso (1562) inicia a primeira publicação de um dicionário português-latim, aqui se produz, em espaço muito próximo, um dicionário português-tupi (1621). Portanto, a lexicografia brasileira caminha lado a lado com a portuguesa.

O primeiro dicionarista brasileiro a elaborar um dicionário monolíngue foi Moraes e Silva (1789). Embora publicada em Lisboa, sua obra teve ampla divulgação e utilização em nosso país, pois ocorre simultaneamente a fatores históricos e sociais: a expulsão dos jesuítas,

a obrigatoriedade do ensino do português nas escolas, o surgimento de diversas academias e a intensa afluência de brasileiros que estudavam em Portugal. O dicionário de Moraes serve de marco fundamental para a produção lexicográfica brasileira, permitindo, através de seu modelo, a elaboração de dicionários específicos. Seguindo o modelo de Moraes, surgem no Brasil dicionários dos mais diversos tipos: de regionalismos, como o de Coruja (1856); de brasileirismos, elaborado por Macedo Soares (1888). Existe também uma inversão nos dicionários português-tupi, que passam a ter a tradução dos termos do tupi para o português, (NUNES, 2002, p. 107). Referência inicial para estudos filológicos e etnológicos da língua tupi é o *Dicionário de Tupi*, de Gonçalves Dias.

O século XX consolida definitivamente o saber lexicográfico brasileiro, com a produção e publicação de obras notáveis de autores ilustres: Laudelino Freire (1939-1944, obra póstuma), Caldas Aulete (1958), Antenor Nascentes (1961), Aurélio Ferreira (1975) e Antonio Houaiss (2001), entre outros.

A elaboração do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (DH) demandou cerca de quinze anos de pesquisa. O projeto ambicionado por Houaiss de produzir um dicionário histórico e abrangente da LP, dando relevância à etimologia e atestação da palavra, aos dialetismos brasileiros e portugueses e aos empréstimos de outros idiomas, é culminada com a aceitação generalizada por parte dos usuários brasileiros e portugueses. Elaborado por uma equipe de redatores e especialistas, entre os quais diversos colaboradores de nações lusófonas, conta com aproximadamente 228.500 entradas. A apresentação da macro e da microestrutura obedece às normas lexicográficas exemplificadas no *Zingarelli*. Assinalamos no DH a unidade lexical *caravela*, que vem assim apresentada:

**caravela** substantivo feminino **1**Rubrica: termo de marinha. Embarcação de velas latinas, de pequeno calado, casco alteroso à popa e mais raso avante, com um a quatro mastros, utilizado nos sXV e sXVI, esp. pelos portugueses, nas viagens de descobrimento.

O DH faz parte do nosso *corpus* de estudo e será utilizado para comparar as unidades lexicais italianas e portuguesas quanto à grafia e às definições e outras confrontações que surgirão no decorrer da análise dos dados.

No Brasil, linguistas de ponta se dedicam a estudos lexicológicos e lexicográficos, produzindo trabalhos teóricos e dicionários bilíngues, terminológicos, coletando neologismos na imprensa falada e escrita, com o intuito de traçar um panorama contínuo da evolução do

PB. Entre eles, podemos destacar Maria Aparecida Barbosa (lexicologia), Lídia de Almeida Barros (terminologia) e Ieda Maria Alves e Nelly Carvalho (neologia). No campo da coleta de dados, estão sendo desenvolvidos projetos sobre *corpus* do português: o Banco do Português<sup>9</sup>, sob a coordenação de Tony Berber Sardinha da PUC/SP, com cerca de 223 milhões de palavras (tokens). Na USP, o mais importante é o projeto Comet<sup>10</sup>, *corpus* multilíngue para ensino e tradução, coordenado pela professora Stella Tagnin.

Vimos, neste texto, que o renascimento propagou o humanismo, e a febre de conhecimentos espalhou-se pela Europa, fazendo com que cada país publicasse o seu *thesaurus* de língua. A tradição lexicográfica começou a tomar corpo, sempre sob os auspícios das academias literárias, que zelavam pelas publicações, sobretudo pela pureza de sua língua. O dicionário de língua é, desde então, sempre uma obra de referência, de valor informativo e didático. É “um livro de referência sobre palavras. É um livro sobre a língua”, diz-nos Jackson (2002, p. 21). Ou, ainda, nas palavras de Lara, “representa a memória coletiva da sociedade e é uma de suas mais importantes instituições simbólicas” (LARA *apud* BIDERMAN, 2003, p. 53). Como tal, é um recurso indispensável para consulta, um instrumento de integração entre a língua e o usuário, além de ser uma fonte inesgotável para estudos linguísticos, semióticos e culturais.

## REFERÊNCIAS

ACCADEMIA DELLA CRUSCA. *Vocabolario degli accademici della crusca*. 5. ed. Vol. 10. Firenze: tipografia Galileiana di M. Cellini. E.C. 1866.

\_\_\_\_\_. *Vocabolario degli accademici della crusca*. Napoli: Stamperia di Giovanni di Simone, 1747.

\_\_\_\_\_. *Vocabolario degli accademici della crusca*. Firenze: Le Lettere, 1987. Ristampa anastatica dell’edizione del 1612.

ADAMO, G.; DELLA VALLE, V. *Neologismi quotidiani. Neologismi a cavallo del millennio*. Firenze: Leo Olschki, 2003.

BARBOSA, M. A. Da microestrutura dos vocabulários técnico-científicos. In: *Encontro Nacional da Anpoll*, 1989, p. 575.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/corpora/bp/index.htm>>. Acesso em: 28 maio 2007.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlm/comet/>>. Acesso em: 28 maio 2007.

BIDERMAN, M. T. C. Dicionários do Português: da tradição à contemporaneidade. *Alfa, Revista Linguística*, Araraquara, v. 47, n. 1, p. 53-69, 2003.

BLUTEAU, R. *Vocabulário Portuguez e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712. CD ROM.

DE MAURO, T. *Storia linguistica dell'Italia Unita*. Bari: Laterza, 1963.

\_\_\_\_\_. *Grande dizionario italiano dell'uso*. Vol. 6. Torino: UTET, 2000.

DEVOTO, G.; OLI, G. *Nuovissimo vocabolario illustrato della Lingua Italiana*. Vol. 2. Firenze: Le Monier, 1997.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

JACKSON, H. *Lexicography: an introduction*. London: Routledge, 2002.

LEOPARDI, G. *Attraverso lo Zibaldone*. Torino: Unione Tipografica Editrice Torino, 1926.

MARAZZINI, C. *La lingua italiana. Profilo storico*. Bologna: Il Mulino, 2002.

MORTARA, A. E. *et al. Vocabolario universale della lingua italiana*. Vol. 8. Mantova: Fratelli Negretti, 1845.

NUNES, J. H. Dicionarização no Brasil: condições e processos. In: NUNES, J. H. (Org.) *História do saber lexical*. São Paulo: Humanitas, 2002.

PETROCCHI, P. *Nòvo dizionario universale della lingua italiana*. Milano: Fratelli Trèves, editori, 1887-1891.

TOMMASEO, N.; BELLINI, B. *Dizionario della lingua italiana*. Vol. 7. Torino: Società Unione Tipografico-Editrice, 1865.

ZINGARELLI, N. A. *Lo Zingarelli. Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli Editore, 2005. CD-ROM.